

Dia 1

Segunda-feira
28 de outubro de 2002

Lula passou a noite em claro. A mistura de alegria e ansiedade o impedira de pregar os olhos. Da janela do hotel onde se hospedava em São Paulo, ele ainda ouvia a multidão que celebrava do lado de fora. A vitória custara mais de duas décadas de trabalho. Ao completar 57 anos no dia da eleição, o resultado das urnas parecia um presente de aniversário.

“Uma onda vermelha toma conta do país”, repetia a cobertura dos telejornais. Lula tivera 53 milhões de eleitores. Não se via comoção igual desde a morte de Tancredo Neves. Na história das democracias ocidentais, apenas Ronald Reagan conseguira mais votos.

No entanto, qualquer estranho que chegasse ao andar do hotel reservado ao presidente eleito sentiria certo anticlímax. Em vez de celebrar, os assessores continuavam no corre-corre, como se nada tivesse acontecido. Depois da maratona para vencer o segundo turno contra José Serra, eles precisavam transformar a coalizão eleitoral em aliança governista, repartindo milhares de cargos, fatiando o ministério e as autarquias do poder federal, e tomando as rédeas da máquina de governo em Brasília.

Eram apenas 10h e Lula já estava exausto. Mas embalado na disciplina adquirida durante os meses de campanha, seguiu o cronograma da jornada à risca. Nos próximos minutos, começaria a receber o chamado de chefes de governo estrangeiros.

O ritual dos telefonemas não era mera liturgia diplomática. Na prática, funcionava como mecanismo para transformar o recém-eleito em chefe de governo. E dava a Lula uma oportunidade de investir na química pes-

soal com seus futuros interlocutores. Se funcionasse, a simpatia poderia facilitar a política externa de seu governo.¹



ATÉ A VÉSPERA, ninguém tinha certeza de que Bush ligaria. Mesmo se ligasse, ninguém sabia quando o faria. O contato da Casa Branca, fosse imediato, seria visto como um gesto de apoio; uma longa demora, como mau presságio.

“Havia muita preocupação sobre o telefonema de Bush”, lembra Donna Hrinak, embaixadora norte-americana no Brasil. “Ninguém duvidava de que Bush ligaria para Serra se ele ganhasse, mas ele ligaria para Lula? O sentimento em Washington era o de que Bush não ligaria imediatamente, ele esperaria.”

Como Lula era o principal líder de esquerda do mundo naquele momento, não seria estranho se Bush, expoente da direita, o deixasse um tempo na geladeira. Além disso, Bush estava às vésperas da eleição legislativa, e seu cronograma de comícios era frenético.

“Vocês precisam ligar”, dizia Hrinak à equipe da Casa Branca. “Liguem assim que possível porque isso vai significar muito aqui.” A decisão final, contudo, cabia a Bush.

Na realidade, nem sempre o *timing* da ligação era friamente calculado pela Casa Branca. Bush levava três dias inteiros antes de ligar para o recém-eleito Álvaro Uribe da Colômbia, seu principal aliado na América do Sul, devido a problemas de agenda.

Bush sabia pouco a respeito de Lula. A imagem que tinha do petista não era melhor nem pior do que aquela desenvolvida pelo establishment norte-americano ao longo dos anos. Acima de tudo, era ambígua.

QUANDO LULA APARECEU em cena entre 1978 e 1979, as relações exteriores dos Estados Unidos atravessavam um momento péssimo.

Na América Latina, o governo norte-americano estava envolvido em conflitos sangrentos em El Salvador, Nicarágua, Honduras, Panamá, Guatemala e Granada.

No Irã, uma revolução havia derrubado o governo aliado a Washington. No Iraque, Saddam Hussein dera um golpe e, ao assumir as rédeas, suspendera relações com o Egito, um bom aliado dos norte-americanos na região.

Na África do Sul, o regime colonialista branco, que gozava de apoio dos Estados Unidos, enfrentara mobilizações e focos de luta armada. Na Indonésia, o regime amigo do general Suharto ficara na defensiva diante da pressão popular. No Afeganistão, o governo americano treinara um movimento de resistência que tinha como um dos líderes um homem chamado Osama Bin Laden. Na China, Deng Xiaoping havia iniciado reformas que transformariam seu país em competidor dos Estados Unidos.

No fim da década de 1970, a situação da economia americana não era melhor. Uma combinação de estagnação e inflação reduzira o crescimento e elevara o desemprego a seu ponto mais alto desde o fim da Segunda Guerra. O remédio aplicado pelas autoridades foi tão amargo que provocou algumas das maiores manifestações de rua da história do país.

COM APENAS 34 anos, Lula começou a contagiar a política brasileira na dianteira de uma onda de greves — 328 delas entre maio e dezembro de 1978. Nos comícios, de pé sobre uma mesa que servia de palco, ele lançava palavras de ordem que a multidão repetia aos gritos, sem megafone nem aparelho de som. A cada avanço dos manifestantes, o regime militar respondia com cassetetes e gás lacrimogêneo.

Em um país governado por senhores de uniforme, Lula se transformou em símbolo de denúncia ao autoritarismo.

Em Washington, ninguém sentiu medo ou apreensão. O governo dos Estados Unidos já abandonara sua política de apoio aos militares brasileiros. Entre diplomatas norte-americanos, Lula era visto como um homem audacioso que se permitia falar aquilo que ninguém mais tinha a coragem de dizer.

Segundo a CIA, tratava-se “mais de um político que de um líder trabalhista”. Sua agenda era moderada: as greves não tinham vínculo com grupos armados nem com vertentes soviéticas, chinesas ou trotskistas. Lula era contrário às táticas de guerrilha e nunca confiara no movimento estudantil. O movimento sindical americano, anticomunista, gostava dele e o avalizava.²

A maioria dos observadores norte-americanos da época concordaria com o perfil de Lula publicado na edição brasileira da revista *Playboy*, em 1979. Referindo-se ao vinco na testa, ao olhar vago e à barba profética com uma brincadeira que enfatizava sua natureza benigna, afirmava tratar-se de um “aiatolula tropical”.³

A grande dúvida daqueles que observavam o Brasil a partir da capital norte-americana era a respeito de como Lula resolveria a tensão entre as duas bandeiras que seu movimento empunhava ao mesmo tempo: socialismo e democracia.

“ELEIÇÕES REPRESENTAM apenas uma parte de nosso objetivo de longo prazo, que é a construção de uma sociedade socialista”, disse Lula em 1982. Seu discurso no Primeiro Encontro Nacional do PT, um ano antes, continha quinze referências à palavra “socialismo”.

Em entrevista para a *Folha de S. Paulo*, no fim de 1985, ele afirmou que o partido tentaria alcançar o poder por meio de eleições, mas, caso isso não fosse possível: “Eu assumo a responsabilidade de dizer à classe trabalhadora que ela tem de procurar outra via.”⁴

Lula não apoiou a eleição indireta de Tancredo Neves para a presidência e como deputado constituinte recusou-se a assinar a nova Constituição democrática de 1988. O PT defendeu o cancelamento da dívida externa, a nacionalização dos bancos e da riqueza mineral e uma reforma agrária que suspendesse a propriedade privada.

A campanha presidencial de 1989 contribuiu muito para consagrar a imagem de um Lula radical. Em uma visita aos Estados Unidos, prometeu a suspensão dos pagamentos da dívida externa com uma ameaça: “Ou dão os anéis, ou vão perder os dedos.” O então candidato Fernando Collor denunciou que, se eleito, o PT confiscaria as cadernetas de poupança e até mesmo os quartos das casas da classe média para albergar os sem-teto. Um líder empresarial previu 800 mil empresários deixando o país.⁵

Mesmo depois de perder as eleições de 1989, Lula manteve essa mensagem intacta. Em junho de 1990, culpou o capitalismo por uma longa lista de males: escravidão, crimes contra os direitos humanos, o genocídio de negros, as câmaras de tortura da ditadura brasileira e até mesmo os fornos de Hitler.⁶

Em 1993, o PT falou em “tensionar e esgarçar os limites da ordem existente”. Condenou o “controle das classes dominantes sobre os modos de produção”, e sua plataforma para a eleição de 1994 era antimonopólio, antilatifúndio e anti-imperialista.⁷

Só que, ao mesmo tempo, Lula construía pontes. Em março de 1993, pela primeira vez, teve um encontro privado com 25 banqueiros e industriais para mostrar que não era um agitador.

Nos Estados Unidos, muitos enxergavam o PT como uma força progressista, capaz de mobilizar a sociedade para acabar com o autoritarismo.

Afinal, o partido participava de todas as eleições, ajudava a domesticar grupos como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e, na prática, não buscava revolucionar o sistema. Ao contrário, adaptava-se ao jogo democrático e, em poucos anos, virara um formidável competidor pelos votos do eleitor, seguindo sempre as regras do jogo.⁸

Segundo a perspectiva que passou a ser dominante entre os comentaristas americanos interessados em Brasil, o socialismo do PT era mais uma aspiração moral do que um programa político ou econômico: ninguém no partido tinha admiração a Stalin nem planos reais para estatizar os meios de produção. Em um hipotético governo petista, haveria conselhos de trabalhadores em cada fábrica. Mas a propriedade privada continuaria sendo a base do sistema. A melhor prova era a capacidade do partido de conquistar o apoio da classe média urbana.⁹

Essa imagem benigna ganhou força quando o PT se tornou o partido da ética, liderando a CPI contra a corrupção no governo Collor, que incriminou a ministra da Fazenda à primeira-dama. Na perspectiva dos setores da máquina governamental dos Estados Unidos que lidavam com o Brasil, Lula era uma promessa de superação do legado autoritário.

Segundo essa perspectiva, o PT estava longe de ameaçar a jovem democracia brasileira: ao contrário, era a encarnação do experimento democrático no país.

BASTA OLHAR QUALQUER ÁLBUM de fotos para perceber a transformação de Lula por volta de 1995. Com 50 anos de idade, ele abandonou o

que lhe restava do tom desafiador. Após perder para FHC no primeiro turno das eleições de 1994 e sofrer uma derrota na disputa pelo controle de seu próprio partido, embarcou nas chamadas “Caravanas da Cidadania”, que o levariam a conhecer mais do Brasil do que qualquer outro político.

O PT passou a aceitar o financiamento de grandes empreiteiras e, antes mesmo que Fernando Henrique iniciasse o processo de privatizações, prefeitos petistas como Antônio Palocci (Ribeirão Preto) e Luiz Eduardo Cheida (Londrina) venderam empresas municipais para a iniciativa privada.

Em 1997, Lula comprometeu-se com a estabilidade de preços, a responsabilidade fiscal e o cumprimento de contratos e obrigações. Deixou de lado a expressão “socialismo” para propor uma “revolução democrática”.

As campanhas petistas para a prefeitura de São Paulo passaram a empregar cabos eleitorais pagos e uma equipe de marketing profissional, apresentando um “PT cor-de-rosa” diferente da tradição classista do partido.

Lula não precisou abandonar sua interpretação do mundo para dar essa guinada. Continuou denunciando o conluio das potências econômicas contra a emancipação de países como o Brasil e insistindo na visão de mundo segundo a qual as relações internacionais se organizam em torno ao embate entre Norte e Sul.

Lula pôde fazer isso porque, depois de também perder a eleição de 1998 para FHC, uma reviravolta no sistema internacional o beneficiou de forma inesperada.

Em novembro de 1999, durante um encontro da Organização Mundial do Comércio na cidade americana de Seattle, eclodiu um ciclo de manifestações como não se via em anos. O alvo era o “Consenso de Washington”, um conjunto de princípios como liberalização comercial, corte de gastos públicos, privatizações e afrouxamento das regras com vistas a beneficiar o capital. Segundo os defensores desse consenso, o Sul devia adaptar-se às regras do jogo ou perder.

Os protestos inaugurados em Seattle não eram revolucionários nem marxistas. Não se tratava de eliminar o capitalismo, mas apenas de fazê-lo mais “humano” e “solidário”. Os manifestantes estavam denunciando

as reformas liberais que Bill Clinton e Tony Blair tentaram empacotar sob a alcunha de uma suposta “Terceira Via”. Também estavam criticando o tratamento técnico — e não político — da política econômica dos países.¹⁰

Denunciando Fernando Henrique como neoliberal e entreguista, Lula passou a atrair tanto a esquerda que sempre o apoiara como parte do eleitorado que antes o rechaçara. A crítica ao neoliberalismo vinda de fora deu-lhe fôlego junto a grupos nacionalistas. A partir de Seattle, a estrela de FHC minguou e a de Lula não parou de ascender.

No processo, Lula adotou um tom cada vez mais ufanista. Recuperou personagens como Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, celebrando-os como grandes estadistas. Mais tarde, chegou a elogiar o general Ernesto Geisel, o chefe da ditadura militar que reprimira o movimento dos trabalhadores.

Gente do PMDB, do empresariado nacional e da burocracia estatal que não votava no PT somou-se a ele. Grandes capitães da indústria gostaram da promessa de restauração do repertório desenvolvimentista e passaram a apoiá-lo.

Essa guinada não fez Lula abandonar sua autoidentificação como homem de esquerda. Seu programa continuou centrado em noções de solidariedade e igualdade, rejeitando a primazia do mercado. E o PT manteve a imagem de probidade, transparência e combate ao clientelismo, apesar do aparecimento das primeiras denúncias de corrupção vinculadas ao uso de “caixa 2” na gestão de fundos de campanha.

No Departamento de Estado e na CIA ninguém tinha nada a temer.

DEPOIS DE SEATTLE, Lula também restaurou sua autoridade dentro do PT. Em parceria com José Dirceu, ele reorganizou o partido na crença de que uma esquerda moderada teria chances reais de chegar ao poder.

A reforma não foi produto de deliberação interna nem de construção de consenso, mas da vitória da facção de Lula sobre as outras. O processo de ajuste no discurso, na imagem e nas alianças do candidato aconteceu de repente, sem que os militantes do PT tivessem tempo ou chance de ajustar suas ideias tradicionais sobre política e economia.¹¹

O marketing tomou a dianteira. Roupas, corte de cabelo e barba passaram a enfatizar uma imagem mais presidencial e bonachona, um “Lulinha Paz e Amor”. O candidato afastou-se do MST, condenando invasões de terra e ocupações de prédios públicos. Qualquer possibilidade de ruptura com a ordem estabelecida foi posta de lado, sendo substituída por um tom moderadamente reformista.

“Quinze anos atrás”, refletiu Lula à época, “uma parte da sociedade não votou no Fernando Henrique Cardoso porque ele era comunista e ateu. Nove anos depois, o elegeram presidente da República. Na medida em que a elite o adotou, acabou o preconceito”. Assim como FHC antes dele, Lula trabalhou com afinco para ganhar o apoio da elite tradicional.¹²

Em junho de 2002, o candidato lançou uma “Carta ao Povo Brasileiro”, por meio da qual se comprometeu publicamente com aquilo que já dissera aos banqueiros nacionais em encontros reservados: caso eleito, seu governo honraria dívidas, contratos e obrigações financeiras. O PT apropriaria as políticas econômicas de Fernando Henrique, como câmbio fluente, superávit primário, metas de inflação e responsabilidade fiscal.

A inflexão confundiu a imprensa estrangeira.

Lula era o primeiro presidente oriundo da classe trabalhadora, e o primeiro a fazer da luta contra a pobreza sua principal bandeira, mas suas promessas eram muito similares às de FHC. O *Los Angeles Times* falava em um “antigo radical” e “ex-revolucionário”. O *Washington Post* referia-se a um “esquerdista com um toque de livre-mercado”.



AINDA ERA o fim da manhã quando a telefonista da Casa Branca ligou. Lula estava de terno, gravata e meias, mas sem sapatos.

Enquanto ele e seu intérprete se acomodavam para a conversa, a tensão no ar aumentou.

Lula estava agitado e nervoso. Tinha cansaço no corpo e um ar de preocupação no rosto. Segurava papel, caneta e uma cigarrilha. Mexia uma perna com impaciência.

Quando a ligação se completou, ouviu-se um chiado ao fundo porque Bush telefonava de sua cabine a bordo do *Air Force One*, o avião presidencial.

CASA BRANCA: *Air Force One*, presidente Lula na linha.

BUSH: Alô, senhor presidente eleito!

Bush gritava do outro lado da linha para se fazer ouvir. Ao perceber o tom animado de parabéns, Lula abriu um sorriso e deixou de franzir a testa.

LULA: Bom dia, presidente Bush!

BUSH: Parabéns pela grande vitória. O senhor conduziu uma campanha fantástica. Nós acompanhamos tudo de perto. Ficamos muito impressionados com sua capacidade para gerar essa grande maioria. Se o senhor estiver interessado em que eu o receba em Washington, a qualquer hora, estou ansioso para conhecê-lo.

LULA: Muito obrigado. Eu queria dizer [falha na comunicação]. Com relação ao convite, eu tenho o maior interesse de visitar os Estados Unidos. Amanhã eu tenho uma reunião com o presidente Fernando Henrique Cardoso e depois estarei à disposição para viajar.

De repente, Bush ficou mudo. Em São Paulo, todos se entreolharam com preocupação. O intérprete de Lula perguntou: “*Mr. President*, o senhor está na linha?”

BUSH: Sim, estou. Estou ouvindo. Estou lhe dando as boas-vindas.

LULA: Eu agradeço, e quero dizer ao presidente que vamos aperfeiçoar cada vez mais [chiado]...

BUSH: Senhor presidente eleito, eu quero parabenizá-lo de novo, como o senhor merece, e espero encontrá-lo. Muito obrigado pela conversa.

Lula não queria que a ligação terminasse assim. Tenso, levantou a mão como quem quer pedir a palavra.

INTÉRPRETE: *Mr. President*, um minuto, [Lula] quer lhe dar mais uma mensagem.

BUSH: OK, muito bem...

LULA: Presidente, espero que nos vejamos até o fim do ano. Temos muitas coisas a tratar.

BUSH: Seria ótimo se pudéssemos fazê-lo.

LULA: Vamos fazer. Temos muito para falar.

BUSH: OK, obrigado por atender minha ligação. De novo, parabéns.

LULA: Muito obrigado pelo telefonema, presidente.

Após alguns segundos de silêncio, ouviu-se o “click” da ligação encerrada, e todo mundo em São Paulo respirou aliviado.

“Você viu?”, perguntou o intérprete, empolgado. “Ele te deu parabéns várias vezes.” Marisa, a esposa, não se conteve: “Muito bem!”, gritou, como se a conversa fosse um teste.

Lula relaxou, reclinou-se na poltrona, esticou as pernas, deu uma tragada na cigarrilha e sorriu.

Ele passara no teste. Cada “parabéns” dado por Bush tinha valor político em si mesmo. Estava exultante.¹³

LULA NÃO CONSULTARA ninguém no lado americano antes de dizer a Bush que queria encontrá-lo “até o fim do ano” — ou seja, antes da posse.

“Fazia parte de uma estratégia da quebra de preconceito que existia contra a minha eleição”, diria ele anos depois. “Era importante conversar com os Estados Unidos para que eles tivessem clareza sobre o que eu pensava. Eu nunca gostei de que as pessoas falassem de mim sem me conhecer.”

A equipe de Bush ficou surpresa com a ousadia. Dois dias antes, os conselheiros da Casa Branca haviam decidido fazer um convite ao petista para uma visita oficial, mas ela ocorreria depois da posse. Eles ficaram mais surpresos ainda quando o presidente americano aceitou a sugestão na hora e sem hesitar.

“Lula foi muito inteligente”, pensou na hora John Maisto, o embaixador responsável pela América Latina na equipe do presidente americano. “Aquele foi um grande telefonema.”

“Graças a Deus”, pensou a embaixadora Donna Hrinak quando soube da notícia. “Vai facilitar muito a nossa vida.”

BUSH TELEFONOU do *Air Force One* porque estava em plena campanha eleitoral. As pesquisas apontavam que as eleições legislativas dos próximos dias poderiam dar controle do Congresso ao Partido Democrata, seu opositor. O presidente estava rodando o país para impedir esse desfecho.

Mas essa não era a única preocupação do presidente norte-americano naquele dia.

Depois de falar com Lula, ele pousou para um comício em Alamogordo, no Novo México, onde enunciou seu ultimato pela primeira vez: se o Conselho de Segurança da ONU não autorizar uma intervenção no Iraque para desarmar o regime de Saddam Hussein, disse o presidente, “vamos liderar uma coalizão e desarmá-lo mesmo assim”.

Informado da notícia em São Paulo, Lula brincou: “Agora vou arrumar uma guerra no Paraguai para ficar igual ao Bush.”¹⁴

O presidente eleito estava de bom humor e podia dar-se ao luxo da piada. Mas a máquina de guerra norte-americana entrar em movimento na mesma hora em que o Brasil virava à esquerda poderia ser um desastre para o governo petista que estava prestes a começar.